

O BONDE

Diretor: Ney Bittencourt Araujo

Redator: Fernando A. S. Rocha

Gerente: Renato Martins Marinho

(Reg. nº 927 no Cartório de Títulos e Documentos desta Comarca)

Órgão Informativo, Cultural, Crítico, Humorístico dos Alunos da Escola
Superior de Agricultura da UREMG.

Ano XIII ————— Viçosa, 22 de março de 1958 ————— Número 189

Despedindo

Amigos leitores. O ano velho se foi levando em sua cauda a lembrança alegre das festas natalinas. Chegou o ano de 58 carregado de promessas e esperanças (infeliz seríamos nós se nem esperança êle trouxesse). Muitas coisas foram renovadas além dos cromos multicores das folhinhas. A Diretoria d'O Bonde foi uma destas renovações. Única chapa apresentada, Múcio Pessôa e Gualter Barcelos tiveram a felicidade de serem eleitos contando com a simpatia de todos os eleitores. Escolheram, com muito acerto, para seus auxiliares, o Redator Roberto Saraiva e o Secretário Feliciano Mota. Que a gestão destes moços seja profícua e que os espinhos do ofício não se entrelacem muito nos caminhos que irão percorrer

Antes, porém, que estes nomes encabecem o velho Bonde a antiga Diretoria gostaria de dizer algo a seus amigos assinantes. Porisso êste Bonde ainda é meio nosso. Foi feito em estreita colaboração entre os que entram e os que saem. Nós precisávamos justificar, mais uma vez, a situação crítica que O Bonde atravessou, ano passado. Sem tipografia, sem dinheiro, o jornal não poderia sair na base de boa vontade porque, infelizmente, boa vontade não compõe, não pagina, não imprime. Neste mundo de hoje até a boa vontade precisa ser precedida de condições materiais adequadas e polvilhada, com engenho e arte, de cifrões bem reluzentes. Só assim a coisa vai.

Mas há ainda a compreensão. E, compreensão não necessita de dinheiro, não precisa de máquinas especializadas para subsistir. Necessita apenas de um pouco de conhecimento de causa, um pouco de consciência social, um pouco de boa vontade (pura e simples) e a observação metódica daqueles que lutam contra as dificuldades com armas obsoletas e inofensivas.

Tentamos, no fim do ano, imprimir O Bonde em Rio Branco. Sua Mgcia., Reitor Lourenço Menicucci, havia-nos concedido três mil cruzeiros. Os apertos

do fim de ano impediram-nos de uma viagem àquela cidade, e, os entendimentos por carta só nos serviram para que recebêssemos excusas e mais excusas, até que, a proximidade do fim do ano letivo levasse-nos a cancelar o jornal pronto e meio impresso. O ano se foi e o Bonde não veio. Amolados ficaram os leitores, mais amolados ficamos nós.

Agora, nós despedimos de vocês. Queremos, de todos, apenas um julgamento justo. Não adianta que o braço da alavanca seja grande se não se encontra o ponto de apoio. Desejamos ao Múcio, Gualter, Roberto e Feliciano felicidades na grande jornada. Que tudo saia certo, e, a depressão por que passou êste jornal e toda a Universidade, tenha logo a sua ascendencia como tem ascendido esta Instituição.

Amigos leitores, adeus e obrigado pela confiança. Cooperem com os novos. Eles tentarão fazer um bom jornal.

NEY
RENATO
FERNANDO.

ASSINE

O BONDE

C.58/122

VENENOS

Por Pimpilate Escarnela

A lavanderia da Escola não mais lavará fraldas, pois o AGRO vai para o Colégio.

Até o trote na Sétima é econômico. Quatro pares de meia para oito calouras.

Coutinho será a vítima da Economia este ano, pois irá treinar o time de Volei da Sétima. Nossos pêsames.

Ventocilla é um herói, pois apesar do "namôro", conseguiu passar em Química.

Brazinho transferiu-se para E. N. A., de lá foi ao Rio, dar uma voltinha. Conclusão: Perdeu-se. Vendo uma estação, resolveu entrar. Comprou uma passagem para C Grande e, quando deu pela coisa, estava em Viçosa.

Desculpa apresentada — "Não gostei da E. N. A."

Fita Verde das Pica-Couves

Verde — côr de capim
Capim — comida de burro
Burro — calouro

Ahl Entendi. — *Fita verde quer dizer caloura.*

Frederico fugiu a vigilância dela e conseguiu jogar futebol no jogo Calouros x Veteranos. Gostaríamos de saber das consequências.

Um certo calouro apostou que passava em 1º lugar e passou em 15º. Não pensem que foi o França.

Existe na E.S.A.V. uma "cierta turma de brasileiros del Pacifico", que está realizando um Estágio de Aguas (boiando). Vejamos a estatística:

1956 — 3
1957 — 9
1958 — 27

Estimativa para 1959 — 81

Observem a P. G. com razão 3, que nos mostra como estes gostam de boiar.

Coutinho (sempre êle!) já iniciou sua famosa Coleção de Artrópoda Hexápoda com um belo espécimem de Carrapato Reboleiro.

Pergunta: Quem foi Visconde do Rio Branco?

Lacilde "200 prata": José Bonifácio, o velho.

não gostou nada da brincadeira de "calouro eterno" (olha o Cortapano). Notei à um canto nipônicamente oprimido o nosso conhecidíssimo piromaníaco Okino. Furreca andou enfeitando um pavãozinho dourado. O "trio abobrinha" deu má nota ao interpretar uma música que nos deu um atraso de vida imenso. Pelo que vi e ouvi a Srta. Fifa gosta mesmo é do Totó Banana... O Temotheo parece ter gostado muito daquela declaração e dará o máximo para lançar a Srta. "Oclinho de Gato"; neste interim tivemos uma bela poesia declamada pela Srta. Reitoria "Eu sou pequena das pernas grossas". Só faltava essa...

Para não decepcionar aqueles que são "loucos" por um *arrasta-pé*, as pica-couves deram um arrasta-cadeira, onde novamente sobressaiu o saliente Xixico. Houve ainda: ciranda-cirandinha, fôlhas que caem (grossura) e que culminou com o desentendido "Côro da Sétima". O Butina (Emerrick) continua abobrando com aquela capichaba regoulart... Notou-se também a ausência tanto da antiga como da nova diretoria de "O Bonde", só eu estive presente.

Por hoje é só.

Sou contra:

A falta de cancha das pica-couves para com a nossa Majestade; a boia da Miss Éria; os bebedouros do corredor que não funcionam; a mania de uma só meia; a monopolização do Correio pelo Long-play; aulas não preparadas, a laranja sem doce das pica-couves com o nome de ponche; a falta de cozinheiros.

Sou muito:

Pelas aulas bem dadas; pelo piquenique do Tororó; pelo "Oclinho" da Srta. Seriemá; pelo entretenimento que vem aí arrazando; e demais, por aquele lindo "baby" de vermelho.

Bye, bye.

CHAFÉ SOCIETY

by Bizunga Sued

Decididamente o nosso Society aconteceu desta feita em uma reunião very-shangai proporcionada pelas pica-couves. Notamos de "cara" as veteranas bastante sem sal para dar trote nas calouras. Era o fim... De início não gostei "nadinha" da cena tris-

te em que figuraram as Srtas. Mércia e Presidenta. Vamos com calma, meninas!... A nota mais triste observada por este colunista foi a ausência da nossa Majestade. Será que não foi convidada?... Eis os acontecimentos mais evidenciados:

Xixico, o que está em tôdas, andou "doidinho" para ser chamado pela Srta. Bolachinha para qualquer tipo de declaração de amôr; e o Baiuca

“YO GREO EN BRUJERIAS”

Eu me considero um sujeito agourento. Certa feita um artífete saiu n' O Bonde sôbre o “Fantasma da Nota”. O artífete era meu e foi feito com a intenção única de tentar espantar para longe o assombramento da ESAV.

Quem sabe se revelando sua existência, uma boa figa, um saravá às escuras, um bom conselho de amigo, não levaria para longe a influência maléfica d'êste bruxo facinora sôbre alguns departamentos da ESA; pensava eu, na ingenuidade serena dos que acham que o mundo se acalmará pela boa vontade dos homens.

Malôgro calamitoso, Iracasso total! Penso até que a tinta que imprimiu aquelas linhas provinha d'algum leiteiro aposentado que levou anos a desfilar negras magias e sintetisar, naquela pasta informe, o maior acepipe de fantasmas que a História já conheceu. Desceram (ou subiram?) à nossa terra o Fantasma da Nota, o Fantasmilha, o Fantasmão e até o Espírito de Porco, para completar o grande Festival de Bruxarias convocado pelo espectro de Maquiavel, que conseguiu passaporte falso e fugiu de um castelo italiano. Se o leitor, incrédulo não acredita, vejamos o fato na grande bola de cristal de Madame Realidade:

Na Cadeira de Química do 1º Ano, em 1957, cursavam 51 alunos. Entre bons e maus, entre muito e pouco inteligentes, entre diligentes e “folgados”. Deveria, logicamente, haver uma média que, aliada aos alunos excepcionais, promettesse um bom aproveitamento. Pois o resultado foi êsse: — 64,8% de reprovações. Trinta e três rapazes para a segunda época. Pânico! Seis transferência de moços que poderiam, como agrônomos, elevar mais tarde o nome de nossa ESA e a quota de benefícios que ela presta entregando ao Brasil homens que cuidariam de nossa Agricultura capenga. Acontece que, recebendo um “jab” da Química, um “uppercut” da Mineralogia, caíram em “clinch” e deram o fora. Assim, reduziu-se e turma

do segundo Ano atual a 35 alunos, com 16 dependente, de Química, não contando 9 peruanos que não aguentaram o “tranco”.

A Mineralogia mais camarada, deu apenas 54,9% de reprovações e apenas dois excluindo os repetentes, os transferidos e os 9 peruanos, devem pagar sua dívida Mineralógica, no Segundo Ano.

No Segundo Ano de 1957 o caso foi mais fantasmagórico. Numa turma de 28 alunos o índice de reprovações ascendeu a 78,6%, e, na segunda época, apenas um foi aprovado. Depois da brincadeira resultaram 17 dependentes completamente fermentados, polarizados rotatoriamente, a cursar um Terceiro Ano com a espada de Dâmocles sôbre suas cabeças. Dos doze dependentes da Química do Primeiro Ano, três segundanistas tiveram que bizar seu curso pois não conseguiram pular a barreira. Três rapazes a repetirem matérias completamente diferentes das reações químicas muitas das quais já haviam logrado aprovação e, além disso com o compromisso de pagar, quanto antes, a dívida química.

A situação pode, ainda, ser analisada por outros aspectos, talvez de maior importância.

Considerando que um Agrônomo custa ao Estado 480 mil cruzeiros aproximadamente, o que equivale a 160 mil cruzeiros anuais; que o ordenado anual do rapaz formado corresponde, em média, a 180 mil cruzeiros; que as despesas pessoais de um estudante em Viçosa orçam, no barato, em 24 mil cruzeiros anuais, temos que o prejuízo global de um ano perdido, exclusivamente por UMA ÚNICA e SÓ matéria, atinge à cifra bastante elevada de 364 mil cruzeiros anuais “per capita”. No caso em vista o prejuízo é triplo e da ordem de UM MILHÃO E NOVENTA E DOIS MIL CRUZEIROS.

Ora, mesmo encarando o fato com cruzeza, o que é impossível à alta quota de sensibilidade do

brasileiro. Não considerando as injustiças, as desilusões, as frustrações, as depressões, as torturas mentais que êstes fatos criam. Mesmo nos tornando materialistas, despidos de sentimentos, de caridade, as cifras mostram a responsabilidade econômica destes exames. O prejuízo é grande demais para um povo pobre num país semi-falido.

Há ainda um outro aspecto, talvez de maior importância: — o baixo nível de aproveitamento das matérias essencialmente técnicas que não podem ser relevadas; matérias básicas à formação de um moço que vai enfrentar os problemas do campo, lutar contra o sistema colonial de nossa exploração agrícola.

Acontece que estas matérias não oferecem grandes problemas na aprovação, não fazem olheiras, nem dão pesadelos. E, primeiro e antes de tudo, é preciso passar na ou nas dependências. Estudemos Química, estudemos Mineralogia, estudemos Solos que o resto não é problema, o resto vai no embrulho. Porém e infelizmente, é do resto que o profissional mais necessitará lá fora; é o resto que vai fazer, da esmagadora maioria, o nome do agrônomo; é o resto que um país atrasado, estragado e inculto pede a seus filhos de visão. É bem verdade que estes bichos-papões merecem seu lugar ao sol, são importantes em seus setores. Mas, que quatro árvores não façam minguar, com sua sombra, outras árvores que precisam de sol, que precisam vingar.

A culpa meus amigos não é dos mestres. Homens de visão, autoridades em suas matérias, jamais pensariam em prejudicar seus discípulos. O problema é que o vetusto prédio de nossa escola faz hoje concorrência a qualquer castelo inglês do século XVI.

Que culpa têm os mestres se sêres sobrenaturais resolvem invadir algumas alas desta mansão de ensino, e, usar de todos os seus poderes (que são muitos e, infelizmente, absolutos) para criar ambiente de medo e pânico?

A lei manda que o aluno seja

(Continua na 4ª página)

c. 58/122

SOCIAIS

ANIVERSÁRIOS

Fizeram anos:

JANEIRO

Dia 1º — S. M. senhorita Ada Lúcia Bicalho Barbosa.

— Prof. Chotaro Shimoya.

Dia 10 — Aloizio Fantini Valério S1;

Dia 16 — Marta Silvino T5;

Dia 23 — Prof. Jurema Aroeira;

Dia 24 — Prof. Edson Potsch;

Dia 25 — Fernando Antônio S. Coelho S1;

Dia 29 — Prof. Sílvio Brandão;

FEVEREIRO

Dia 1º — Fernando Antônio da S. Rocha S3;

Dia 3 — José Brandão Fonseca S1;

— Virgílio Braz de Carvalho S3;

Dia 4 — Prof. José Alencar;

Dia 5 — Manoel Monteiro Galvão S5;

Dia 7 — Rosely M. Coelho M1;

Dia 18 — Issao Okino;

Dia 19 — Prof. Petrónio Leite Rios;

— José Temotheo de Souza S3;

Dia 22 — Epitácio dos Santos S7;

— Feliciano Mota C. Junior S1;

MARÇO

Dia 4 — Juan Marciani Bendezu S3;

Dia 6 — Geraldo Rocha Carvalho S1;

Dia 9 — Francisco F. Araújo S5;

Dia 11 — Pedro F. Burnier S7;

— Carlos A. Braga Guerra T1;

Dia 12 — Prof. Vicente Machado;

Dia 16 — Adauto C. Zunti S5.

Dia 20 — Alaune de Freitas E.S.7;

NOIVADOS

Dr. Antônio Guido Rolla e Srta Ana Maria Ribeiro.

Dr. José Pedro Camim Filho e Srta Joana Rodrigues.

CASAMENTO

Dr. Sílvio Carvalho de Magalhães e Srta. Rita Noeme Tôres.

A todos; os cumprimentos e votos de felicidades de "O Bonde".

Quem dá aos pobres empresta a Deus. Dê sua contribuição para a Conferência S. Thomaz de Aquino.

Resp. Zé Garrucha

"YO CREO EN BRUJERIAS"

(Continuação)

examinado, no mínimo, por dois examinadores. Se não o for, culpem ao fantasma irrequieto e mau rue não o permitiu. Se os laboratórios não se abrirem, se não fôr permitido que, nos dias que o aluno tem tempo disponível para estudar, êle pratique técnicas às vêzes não administradas. Se aquêles quinze dias não servirem para que os trabalhos práticos sejam revistos, culpem aos fantasmas que trocaram a finalidade estudantil dos laboratórios. Culpem a êles, sômente a êles. Se arapucas forem armadas, se problemas súbitos e traidores forem rapidamente jogados sôbre nosso nervosismo de examinado, olhe para cima e verá que uma nuvem negra percorre o salão e há sadismo em suas formas. Os fantasmas são assim...

Acontece que a coisa está ficando séria. Precisamos trazer pais de santo, fazer moamba e dançar macumba. Precisamos fazer seja o que fôr porque não se admite que, em pleno século XX, aconteça tal fenômeno e, numa Escola Superior. O pior é que lá fóra ninguém acredita. Ficam tôdos basbaques e depois dizem lá entre êles que conheceram um mentiroso bastante real na arte de contar petas.

Às vêzes fico pensando. Se certos professores fizessem às turmas mais adiantadas, que já passaram pela matéria e foram considerados aptos, um teste de aproveitamento; se dessem àquelles que êles consideram como tendo conhecimento suficientes para enfrentar a vida profissional uma prova que medisse o grau de cultura em sua matéria, êles teriam uma boa base para julgar se estavam sendo severos e justos no critério de seleção. Pelo menos verificariam se suas reprovações justificavam as revoltas, as tristezas, os prejuizos técnicos e os milhões de cruzeiros que envolvem. No mínimo ficariam sabedores que custavam aprovar, mas, quando aprovassem, o aluno teria um conhecimento geral razoável da matéria.

Poderia ser que chegassem

ESPORTE

No ano que passou, nossos quadros mostraram que estamos continuando em franco progresso nas lides esportivas. Foi grande o número de compromissos que tivemos e bem satisfatórios os seus resultados. Não fiquemos porém, envaidecidos com os resultados obtidos. E' necessário que continuemos a melhorar para que possamos trazer aqui adversários cada vez mais categorizados. Segundo sabemos já é grande a lista de compromissos difíceis que temos para êste ano.

Voltemos portanto aos treinos com todo afinco para que seja restabelecida a forma física e técnica de nossas equipes.

Para que isto possa acontecer mais rapidamente e que possamos garantir a conquista de nossos louros para as nossas côres, vamos lembrar cinco pontos que consideramos de grande importância para esta tarefa:

- 1º) — Espírito esportivo
- 2º) — Espírito de equipe
- 3º) — Obediência aos técnicos
- 4º) — Assiduidade aos treinos
- 5º) — Amor à camiseta que envergamos.

PIN.

a outras conclusões e aí saberiam se houve desinteresse, ou deficiência no ensino, ou realmente o rigôr e um critério que êles mesmos não conseguiriam explicar. Ai êles descobririam os fantasmas e conseguiriam enxotá-los.

Porque, como você sabe, nada melhor para enxotar um fantasma que a amizade, a consciência e a justiça do dono da casa.

N. ARAUJO.

Calouro seja menos burro, comprando na Cooperativa Estudantil.